

PRÁTICAS LITERÁRIAS CONTEMPORÂNEAS PELO OLHAR DA SEMIÓTICA: BOOKTUBES E CLUBES DE LIVROS

CONTEMPORARY LITERARY PRACTICES FROM A SEMIOTIC PERSPECTIVE: BOOKTUBES AND BOOK CLUBS

Silvia Maria de Sousa¹

Universidade Federal Fluminense

Luiza Riveiro Gonçalves²

Universidade Federal Fluminense

Thaís Borba Ribeiro³

Universidade Federal Fluminense

Resumo: A digitalização de dados tem provocado transformações profundas em diversas áreas do conhecimento, impactando, também, as práticas de leitura e escrita. A transição do papel para as telas, a hipertextualidade, a multimodalidade cada vez mais vêm reconfigurando e trazendo novos modos de circulação de textos. Nesse cenário, surgem novos gêneros digitais e formas de letramento que desafiam a escola e a universidade na formação de leitores. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece essa mudança ao incluir os letramentos digitais sem abandonar os tradicionais. Diante desse fenômeno e tendo por base a Semiótica Discursiva de linha francesa, o artigo analisa dois fenômenos contemporâneos de leitura literária: os *booktubes*, canais do *Youtube* que produzem conteúdo literário e estimulam a leitura, tomando para análise o canal *Literature-se*, e os clubes de assinatura de livros, com foco na *TAG Livros*. O objetivo é compreender como essas práticas se articulam com os novos suportes e estratégias de mediação da leitura no contexto digital. A análise busca, ainda, relacionar-se com os desafios da prática e da formação docente.

Palavras-chaves: Leitura literária; Cultura digital; Booktube; Tag Livros; Semiótica Discursiva.

Abstract: The digitization of data has brought profound transformations to various fields of knowledge, also impacting reading and writing practices. The transition from paper to screens, hypertextuality, and multimodality have increasingly reshaped and introduced new modes of text circulation. In this context, new digital genres and forms of literacy emerge, which challenge schools and universities in the formation of readers. The *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) recognizes this change by including digital literacies without abandoning traditional ones. Based on this phenomenon and using the Discursive Semiotics as a theoretical basis, the

¹ Professora Associada de Linguística do Departamento de Ciências da Linguagem, Universidade Federal Fluminense. Email: silviam@id.uff.br

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense. Email: luizariveirogoncalves@gmail.com

³ Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem Universidade Federal Fluminense. Email: prof.thaisborba@gmail.com

article examines two contemporary practices of literary reading: booktubes, channels on YouTube which create literary content and encourage reading – focusing on the Brazilian channel *Literature-se* – and book subscription clubs, with emphasis on *TAG Livros*.

Keywords: Literary reading; Digital culture; Booktube; TAG Livros; Discursive Semiotics.

Introdução

Não é nenhuma novidade falar que a área de Letras, e muitas áreas do conhecimento, assim como as instituições, a política, a sociedade em geral, vêm sofrendo profundas transformações nas últimas décadas como consequência da digitalização de dados, também chamada de cultura digital. A primeira grande transformação que vimos acontecer diz respeito à passagem do papel para as telas, do analógico para o digital. Com isso, a escrita e a leitura hipertextual passaram a ser vistas como prolongamento previsível, como o “futuro” da escrita e da leitura textual (Lévy, 1993, p. 19). A convergência entre diferentes mídias fez proliferar a multimodalidade e contribuiu para que as narrativas dessem lugar à criação de verdadeiros “universos” ficcionais, para usar a expressão do estudioso da comunicação Henry Jenkins (2009, p. 161).

Nos últimos vinte anos, boa parte das pesquisas linguísticas sobre texto consistiu em tentar compreender o hipertexto e sua manifestação em plataformas digitais. Também há quase duas décadas, o ensino de Língua Portuguesa foi marcado pelas inovações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), quando o texto e a multiplicidade de gêneros ganharam centralidade no ensino de língua materna. Isso ocorreu muito antes de sermos atingidos pela onipresente mediação dos algoritmos e bancos de dados, para não mencionar o impacto da Inteligência Artificial (IA). Bem antes do denominado *boom* da IA, nos anos 2010, com a popularização de robôs que falam e escrevem, teorias como a Semiótica Discursiva já se ocupavam em analisar as implicações dos novos suportes de inscrição na significação de textos e objetos. No caso de aparelhos leitores de livros digitais, por exemplo, é perceptível que o suporte eletrônico recobre as propriedades sensíveis e materiais do livro físico, mas, além disso, é capaz de abranger outras práticas, visíveis em funcionalidades como copiar e colar, acessar diretamente um dicionário on-line, compartilhar, ampliar a fonte, aproximar, distanciar.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador do ensino no Brasil, reserva grande espaço dos conteúdos didáticos para o ensino de português aos gêneros digitais emergentes, nas palavras de Sousa (2023), “para além de textos, tipos e

gêneros textuais são elencados os meios de produção e circulação de textos, as práticas interacionais e os objetos-suportes” (p. 64). O documento enfatiza, contudo que:

Não se trata de deixar de privilegiar o escrito/impresso nem de deixar de considerar gêneros e práticas consagrados pela escola, tais como notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião, charge, tirinha, crônica, conto, verbete de enciclopédia, artigo de divulgação científica etc., próprios do letramento da letra e do impresso, mas de **contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais**. (Brasil, 2018, p. 67, grifos nossos)

Notamos que, nessa proposta, o trabalho da escola com a leitura se amplia, abarcando, além do que a BNCC denomina de “letramento da letra e do impresso”, os “letramentos digitais”. Tomando, por exemplo, a leitura na tela de um celular, algo muito comum atualmente, em que a biblioteca pessoal de *PDFs* e *e-books* vem tomando o lugar de bibliotecas físicas, é preciso considerar como esse objeto facilita o acesso à leitura em *PDFs* de assuntos diversos que são facilmente encontrados na internet. É preciso considerar, também, como a morfologia desse mesmo objeto (interferência da luminosidade, tamanho e formato da tela) interfere no processo da leitura e mesmo na apreensão do conteúdo lido. Nesses casos, na interação com o texto, sobressaem as demais funções e aplicativos do celular, que podem se sobrepor à leitura, distrair, fragmentar. Sem dúvida estamos diante de novas práticas e suportes de leitura, que repercutem nos hábitos de leitura da população.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil apresenta um declínio de 5% no número de leitores entre os anos de 2019 e 2024 (Instituto Pró-livro, 2024). Em 2019, 52% dos brasileiros foram considerados leitores de acordo com os critérios da pesquisa – ter lido, “inteiro ou em partes, pelo menos um livro de qualquer gênero, impresso ou digital, nos últimos 3 meses” (2024, p. 14). Em 2024, no entanto, os leitores constituem apenas 47% da população brasileira. Dentre as razões apresentadas para tal resultado, a internet e as redes sociais são listadas como os principais fatores concorrentes com a leitura de livros.

Presenciando a reconfiguração dos modos de acesso e circulação do livro, observamos o fortalecimento de iniciativas e estratégias para engajar leitores em experiências coletivas e interativas. Entre tais iniciativas, destacam-se os clubes de assinatura de livros, os canais digitais voltados à discussão literária e a atuação de influenciadores, em especial os chamados *booktubers*, que passaram a ocupar um lugar relevante no dinamismo contemporâneo da leitura. É nesse cenário que situamos os

objetos de análise deste estudo, voltados à compreensão de como tais formatos instauram novas práticas de leitura utilizando estratégias de mediação e participação cultural.

Esse contexto de ampliação dos letramentos, de emergência de novos gêneros e hibridização de linguagens e suportes, nos impele a identificar e analisar (1) o surgimento de práticas contemporâneas de leitura; (2) as estratégias que buscam ajustar antigas e novas práticas de leitura em geral e do texto literário em particular, (3) se tais práticas e estratégias implicam na estabilização de novas formas de vida. Além disso, indagamo-nos sobre os desafios que o contexto contemporâneo impõe para a escola e a universidade na formação de leitores. Para isso, tomamos para análise dois objetos: um *booktube*, o canal do YouTube *Literature-se* voltado para a divulgação de livros literários e estímulo à leitura, e o clube de assinatura de livros *TAG Livros*. A análise se vale do instrumental teórico da semiótica discursiva de linha francesa, com especial atenção à proposição de um alargamento dos níveis de pertinência da análise (Fontanille, 2005, 2008a, 2008b, 2015, 2016, 2019). A nosso ver, a expansão dos níveis de pertinência constitui uma boa saída para compreender a relação entre as práticas e estratégias de leitura e manipulação de objetos diversos, que caracteriza o mundo digital.

1. Do texto às formas de vida

Como afirmamos, a semiótica discursiva oferece instrumental teórico capaz de apreender o fenômeno da leitura emergente da era midiática. Como teoria da significação, possibilita a observação de práticas e de estratégias implicadas tanto no ato de leitura, de modo geral, quanto no consumo e no comportamento de leitores. Isso porque, no âmbito midiático, conforme Fontanille (2019, p. 247), consideram-se pertinentes não apenas os textos que nele circulam, mas também os objetos e as tecnologias que o suportam, as práticas de recepção que o determinam e até mesmo as estratégias de publicação e edição que o subsume.

Desde os anos de 1960, os textos constituíram o objeto empírico das investigações semióticas, sendo, inclusive, o limiar mais seguro para a ancoragem científica. A eleição desse nível ótimo de análise demonstrou-se altamente produtiva para o desenvolvimento de análises semióticas. No entanto, ao longo das últimas décadas, a emergência de novos objetos de estudos, sobretudo aqueles relacionados às mídias e à comunicação social, passaram a desafiar cada vez mais os semioticistas a expandir o universo de análise para abranger dentro da pertinência analítica ações cotidianas, comportamentos sociais e

transformações culturais. Desde os anos 1980 e 1990, contudo, a teoria já vinha abordando textos de gêneros variados e mesmo práticas cotidianas. Jean Marie Floch, foi pioneiro ao expandir o universo de análise para o âmbito da comunicação, da mídia, do *design*. Entre suas publicações, destacam-se objetos, práticas e comportamentos, como o percurso dos usuários de metrô, o espaço estratégico de um hipermercado (arquitetura), o estilo da marca *Channel* (moda), campanhas publicitárias (cigarros *News*), histórias em quadrinhos (*Tintin au Tibet*), entre outros. Essas análises, embora marcassem o início de reflexões profundas em torno de situações e de práticas discursivas provenientes das dinâmicas sociais e culturais, tomavam todas essas semiótica-objetos como textos. Nesse sentido, cresciam as tensões entre a tradição greimasiana e as novas perspectivas. A necessidade de compreender esses novos modos de significação conduziu os desenvolvimentos teóricos em torno de reformulações que reconheciam a multiplicidade de manifestações de sentido, sem negar a centralidade do texto.

Sob essa perspectiva, Fontanille (2005, 2008a, 2008b) propõe a ampliação dos níveis de pertinência de análise semiótica, operados em uma hierarquia de semióticas-objeto constitutivas de uma cultura, com a justificativa de que já era a hora de a semiótica

[...] assumir teoricamente essas múltiplas e necessárias pesquisas conduzidas fora do texto, pesquisas que se justificam na medida em que se submetem à coerção mínima de uma solidariedade entre expressão e conteúdo e não se constituem escapadas ‘fora da semiose’ (Fontanille, 2008b, p. 16)

A organização hierárquica em “níveis” é representada em seis instâncias: *signos*, *textos-enunciados*, *objetos*, *práticas*, *estratégias* e *formas de vida*. Cada nível é compreendido conforme um tipo específico de experiência, convertida em uma semiótica-objeto passível de ser analisada. Vinculam-se aos níveis de pertinência, respectivamente, a *experiência da figuratividade* (figuras-signos), a *experiência interpretativa e textual* (textos-enunciados), a *experiência corpóreo-material* (objetos-suporte), a *experiência prática* (práticas semióticas), *experiência da conjuntura e dos ajustamentos* (estratégias), *experiência dos estilos e comportamentos* (formas de vida).

A disposição, a hierarquia e as relações entre os níveis são determinadas por princípios que permitem a descrição de integrações ascendentes ou descendentes entre os planos de imanência (Fontanille, 2008b, p. 99), conforme explica Sousa (2020):

Das realizações canônicas e das variações previstas resulta a dimensão retórica do percurso. Vale ainda dizer que os movimentos integrativos podem ser (1) ascendentes (dos signos às formas de vida) ou (2) descendentes (das formas de vida aos signos),

atentando para o fato de que esses movimentos não são contrários. Nos movimentos de expansão (tipo 1), o texto será escrito em um objeto e este será usado em uma prática. Já na condensação (tipo 2), sobressaem operações de representação e simbolização. (p. 160)

Na primeira instância dessa hierarquia dos seis níveis distingue-se a passagem dos *signos*, unidades significantes elementares, aos primeiros “conjuntos significantes”, os textos. Considera-se que a unidade pertinente do plano da expressão, para realizar comutações e segmentações que revelarão significados e valores, já não é mais da ordem da figura, mas do texto-enunciado. Uma das questões mais marcantes nessa primeira transição entre níveis remete à “dimensão plástica”, sobretudo das imagens, viabilizando a análise de conteúdo por meio de sistemas semissimbólicos. Ao integrar um nível de pertinência superior, esses conjuntos materiais e sensíveis participarão efetivamente das formas significantes (Fontanille, 2019, p. 6).

Tomemos, por exemplo, o caso dos clubes de assinatura da *TAG livros* que analisaremos mais adiante em detalhes. Seja na página do *site* ou nos *posts* veiculados nas redes sociais, a figuratividade está presente no design dos *banners* digitais, nas capas dos livros anunciados, no selo e no logotipo da marca e na arte gráfica das caixas de envio. Atraindo pela percepção, a plasticidade da página virtual tende a manipular o enunciatário por meio dos signos (cores, tipografia, formas, ícones), enquanto os textos atuam em conjunto na fixação do sentido ao destacar *slogans*, títulos de obras, ou palavras-chave como experiência, surpresa, brinde etc. Assim, o nível das figuras-signos pode ser superado à medida que se integra ao nível dos textos-enunciados.

Figura 1. Signos e figuras na página inicial da TAG Livros.



Fonte: <https://site.taglivros.com/>

Para ganhar forma e função, o texto-enunciado se realiza por meio de um suporte material ou formal. Dessa maneira, é possível observar a questão do objeto-suporte em relação ao texto-enunciado. Se, durante décadas, a leitura de um texto literário se restringiu ao livro impresso como objeto-suporte mais comum, com o avanço tecnológico surgiram novas formas de leitura por meio de dispositivos para livros digitais. Embora o texto-enunciado seja o mesmo, a mudança do objeto-suporte interfere nas formas de interação entre o leitor e o texto.

Para ilustrar como o objeto-suporte se insere em uma determinada situação semiótica, voltemos ao exemplo apresentado anteriormente, o do clube de assinaturas *TAG Livros*. O livro impresso é enviado ao leitor em edições especiais, em caixa personalizada contendo surpresa e brindes. A dimensão material desse livro e desses elementos agregados entra como definidora da atribuição de sentido no ato de leitura. O livro físico, nessa cena, configura-se não apenas como o suporte do texto-enunciado (conteúdo do livro), mas também como objeto estético, tangível, sensorial e colecionável.

Nessa leitura como experiência, importa analisar a materialidade do volume recebido pelo leitor, atentando-se quanto às propriedades sensíveis do livro (design, tipografia, papel, texturas) e aos aparatos editoriais que o acompanha (caixa, brindes colecionáveis, marcadores de página etc.), sendo todos considerados elementos pertinentes para a totalidade analítica. Essas propriedades materiais produzem sentido e dão contorno ao objeto. Além da definição do objeto, verificamos sua circulação de modo inseparável do “entorno” no qual está imerso e que lhe confere “eficácia enunciativa”. Esse entorno compreende uma situação semiótica e não deve ser confundido com o contexto, ou seja, um entorno explicativo do texto, mas sim considerado como outro nível de pertinência, um conjunto significativo que não o texto.

A noção de “situação” corresponde, em última análise, a dois níveis de pertinência distintos: o das práticas (sob a forma das cenas predicativas⁴) e o dos ajustes entre práticas e seu ambiente (sob a forma das estratégias) (Fontanille, 2005, p. 10).

A *prática semiótica* não se define em uma ação isolada, mas em um conjunto de ações que implica papéis actanciais representados, entre outros, pelo texto, pelo suporte,

⁴ Predicativa no mesmo sentido que a linguística dos anos sessenta empregava para predicação verbal como uma pequena cena (Fontanille, 2005, p. 25).

pelo entorno, pelo usuário ou observador. Consiste igualmente nas relações entre esses diferentes papéis de caráter essencialmente modal. Esses diferentes actantes relacionam-se entre si, constituindo uma cena prática.

Consideremos outro exemplo, o da prática de leitura de modo geral. Esta é composta por diferentes *cenas predicativas*: comprar o livro, abrir o livro, ler seguindo ou não a sequência proposta, comentar sobre o livro etc., sendo cada ação representada por actantes distintos. Esse ato de leitura pressupõe um sujeito-leitor que estabelece uma relação modal e passional com a obra (texto-enunciado) e com seu objeto-suporte (seja ele digital ou físico). Por outro lado, outros actantes além desses dois podem ser adicionados à cena prática da leitura se incluirmos a cena prática comercial e de consumo, agregando o ato de ler ao ato de comprar o livro. Assim, para que a editora consiga manipular o possível comprador será preciso realizar o ajustamento dessas duas práticas concomitantes (Gonçalves, 2022).

A prática semiótica, portanto, define-se nessa interrelação com outras práticas, concomitantes ou não. Isso porque texto, objeto e prática relacionam-se a ponto de revelar níveis crescentes de pertinência, até atingir a dimensão estratégica.

Seguindo, ainda, nos demais níveis de pertinência chegamos ao nível das *estratégias* que se caracteriza pela acomodação e reunião das cenas práticas, fazendo delas conjuntos significantes novos. A estratégia aqui significa que a situação semiótica é menos previsível ou programável, e que cada cena predicativa deve se ajustar no tempo e no espaço de outras cenas e práticas. Portanto, está subjacente ao nível da estratégia a experiência da conjuntura e dos ajustamentos (Fontanille, 2005, p. 26).

Voltando aos exemplos anteriores, observa-se que assinar um clube de leitura e optar por receber volumes periodicamente é, de um lado, uma estratégia adotada pelo leitor e, de outro, uma estratégia de venda e distribuição de livros. Além disso, outras estratégias podem regular o ato de leitura nesse cenário: ler mais (repertório), ler melhor (gozar de curadoria), evitar a procrastinação (recorrência), ter visibilidade (personalidade leitora). Já quanto à prática de leitura, podemos supor o sujeito que busca adquirir um livro. Seja na livraria física ou virtual, independente do fato de ter em mente o título a ser comprado ou a atitude de descoberta sem compromisso, ele será confrontado por diferentes práticas concomitantes e concorrentes para que a aquisição seja concretizada. O *design* das capas, os títulos atrativos, a localização do volume na prateleira na loja física e a visualização por sugestão algorítmica no digital etc., resultam da forma como as

editoras e os vendedores se antecipam para garantir que as diferentes práticas relacionadas ao produto estejam em consonância com as práticas de leitura desse sujeito. As estratégias abarcam todas essas práticas previstas e programadas.

Ainda assim, é importante reconhecer que as livrarias físicas e virtuais compartilham estratégias de forma bastante limitada, sobretudo diante do engajamento massivo das pessoas com as tecnologias e a cultura digital, comportamento que nos leva ao último nível de análise, o das formas de vida.

O nível das *formas de vida* caracteriza-se pela condensação das estratégias adotadas para ajustar as cenas predicativas. Fixam-se nas recorrências de ações, emoções, nos modos de interação e acomodam padrões que moldam comportamentos, costumes e cultura. As formas de vida carregam os valores e os princípios norteadores que organizam todos os outros níveis. Elas são, de fato, os constituintes imediatos da semiosfera porque representam, em uma determinada sociedade, diferentes formas de identificação de identidades e experimentação de valores.

E enfim, podemos falar de formas de vida quando identificamos os estilos estratégicos coerentes, recorrentes, relativamente independentes das situações temáticas, e suficientemente potentes para influenciar todas as práticas e todas as manifestações semióticas de um grupo ou de um tipo social e cultural. A coerência e a congruência são as propriedades fundamentais das formas de vida: uma coerência “horizontal”, que sustenta a persistência do curso de vida, e uma congruência “vertical” entre os valores, os estilos, as funções, as qualidades sensíveis, os regimes temporais e as paixões. Nesse sentido, as mídias são particularmente apropriadas para propor novas formas de vida, mas também para degradá-las na mesma velocidade (Fontanille, 2019, p. 7).

Retomando o exemplo das estratégias previstas ao assinante dos clubes de leitura, destacam-se os processos de identificação. Há projeção do gosto pela leitura para diferentes espaços, seja no virtual (*booktubers*, comunidades, consumo ou produção de conteúdos), seja nas ações e atitudes cotidianas ou nas relações interpessoais. Usar e manusear objetos marcados por figuras-signos (logotipo, ícones etc.), como uma “ecobag”, um marcador de página ou caneta com estampa temática, alusiva aos títulos lidos, mostra não apenas adesão, conjunção, mas principalmente identificação com valores. Exerce, ainda, influência sobre outras pessoas ao exibir tais itens, doar os volumes lidos ou mesmo expô-los em prateleiras. Conforme Gonçalves (2022) estratégias como essas são comportamentos nitidamente distintos dos observados no sujeito-comprador em livraria física, sendo possível, conseqüentemente, pensar em uma forma de vida da leitura digital.

Assinar um clube de livros ou mesmo engajar-se em comunidades digitais representa um projeto de leitura que, antes de mais nada, instaura e alimenta a forma de vida de um determinado tipo de leitor. É o perfil aficionado, o leitor apaixonado pela leitura, pelos momentos que ele passa lendo. Além disso, as interações midiáticas também compõem a forma de vida da leitura digital e compreendem a participação em redes sociais, seja acompanhando ou realizando comentários, seja produzindo ou assistindo aos vídeos, como no caso dos leitores-influenciadores dos canais do *YouTube*, os chamados *booktubers*.

2. Práticas de leitura contemporânea: o *booktube*

Apesar de os primeiros vídeos sobre livros terem começado a circular em plataformas de vídeo em 2009 (Silva, 2016), o termo *booktube* – “livro na tela” (Paiva; Souza, 2017, p. 988) – só passou a ser utilizado para se referir aos canais literários no YouTube em 2011. Desde então, os *booktubes* vem ganhando popularidade⁵, sendo possível encontrar essas comunidades literárias ao redor do mundo: Espanha, Brasil, Estados Unidos, Argentina... De maneira geral, os vídeos publicados são marcados pela coloquialidade e pela vivacidade, que aproxima os internautas do *booktuber* e, conseqüentemente, contribui para a criação de laços entre leitores. Com diferentes formações – muitas vezes sem qualquer relação com a literatura –, os *booktubers* não são autoridades, mas sim mediadores que, por meio de seus vídeos e das ferramentas do YouTube (comentários, por exemplo) estimulam o compartilhamento de opiniões literárias, sendo boa parte deles patrocinados por livrarias e por plataformas de vendas (a Amazon, o Mercado Livre, entre outras).

Enquanto na era da burguesia, a leitura clamava por um espaço reservado e privado para que o leitor solitário pudesse “[...] interiorizar o que se lia [...]” (Sibilia, 2020, p. 84). Na era das redes sociais, o que vemos é um apagamento dessa privacidade. Dentro de comunidades literárias, não basta apenas gravar o momento de escolha dos livros e expor uma opinião ou interpretação, por exemplo, é preciso também registrar e publicar o próprio ato de ler, de forma a ancorar o que é dito (estratégia veridictória) e a aproximar enunciador e enunciatário.

⁵ Hoje é possível encontrar, também, outras comunidades literárias nas mais diversas redes sociais: *booktok*, *bookstagram*, *booktwitch* etc.

Tomando para análise o canal *Literature-se*⁶, vemos que há uma condensação da prática de leitura em um texto-enunciado (o vídeo), desencadeando a relação dessa prática semiótica com outras (a prática de recepção e a prática de produção digitais, por exemplo). Todas elas precisam ser acomodadas e ajustadas de forma estratégica.

No vídeo “Leia comigo (Read with me) // 20 minutos em tempo real – Livro: ‘Orlando’ (Virginia Woolf)” – doravante “Leia comigo...” –, o internauta é manipulado, a partir da oferta de valores positivos (concentração, conexão e proximidade), a acompanhar Mell Ferraz em sua leitura, ou seja, a ler enquanto o vídeo é reproduzido. O ambiente propício ao compartilhamento da intimidade se constrói por meio da presença de figuras que concretizam o tema do conforto (sofá, almofadas, caneca, animais) e é reforçado pelos usos da debreagem enunciativa (eu, aqui e agora), do enquadramento em plano americano, de uma voz menos encorpada e mais baixa e de um ritmo de fala mais pausado e calmo. Esse simulacro de intimidade, que aparenta tornar acessíveis as reações e a rotina pessoal da *booktuber*, é apontado pela própria Mell Ferraz, que afirma: “O interessante é que vocês vão ver a realidade disso tudo até mesmo por conta dos sons ambiente, né? Vão ouvir bastante coisa e vão ver essas coisicas [seus animais de estimação] interagindo aqui, muitas vezes me enchendo o saco” (Carrero, 2020b, 02:12-02:27, transcrição nossa). Assim, mesmo que atrapalhem a leitura feita pelo narratário que acompanha esse momento, o barulho externo, os animais de estimação e a voz do seu então marido fazem o vídeo *parecer verdadeiro*. A todo momento, o enunciatário é recordado que está lendo *com* Mell Ferraz, isto é, que está tendo acesso à experiência de leitura da *booktuber*.

Figura 2. O simulacro de intimidade.

⁶ O canal *Literature-se*, criado em 2010 por Mell Ferraz, é entendido como um paradigma do funcionamento da comunidade *booktube* brasileira que, apesar das especificidades de cada canal literário, apresenta uma cultura própria, a booktubicidade (Jeffman, 2017).

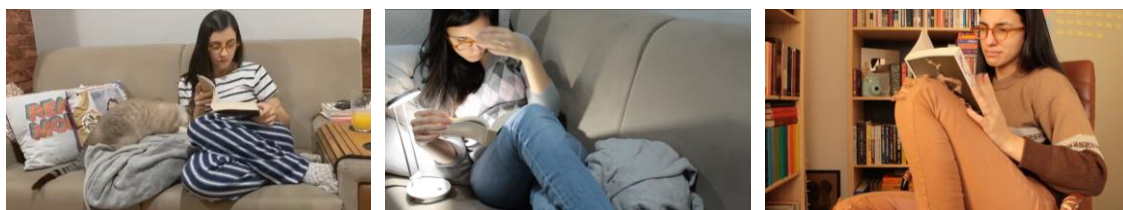


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=rFSZ8D7E2yQ>

No vídeo “vlog | se eu CHOREI ou se eu SORRI, o importante é que ‘A casa dos espíritos’ eu li 😊” – doravante “vlog...” –, Mell Ferraz também compartilha o seu cotidiano. No entanto, diferentemente de “Leia comigo...”, a cena prediativa da leitura não é exibida em tempo real, mas sim acelerada, recortada e editada com o intuito de iconizar o que é dito ao longo do vídeo e de suavizar a passagem entre um momento e outro do seu dia. Mais uma vez, constrói-se um simulacro de intimidade, que permite ao internauta observar os hábitos de leitura da *booktuber*, que escreve no livro, marca trechos, conversa com o texto, chora...

Nesses dois exemplos fica claro que o contato com as práticas de produção e reprodução digitais insere novos objetos na cena prediativa da leitura. No caso da *booktuber*, é preciso posicionar a câmera ou o celular e conectar o microfone de lapela antes de começar o ato de ler em si. Ler torna-se um espetáculo, uma performance. Assim, em decorrência das estratégias que acomodam a prática de leitura e a prática de produção digital, há uma passagem da leitura íntima e solitária para a leitura marcada pela *extimidade*, termo proposto por Sibilia (2020, p. 19) para se referir à exposição da “[...] própria intimidade nas vitrines globais das telas interconectadas”.

Figura 3. A leitura como extimidade.



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=l7BfIN_sMp4

Os vídeos pressupõem a participação dos internautas leitores que acompanham o *Literature-se* e, com isso, os aparelhos eletrônicos – celular, tablet e computador – são inseridos na cena predicativa da leitura. Manipulados pelo vídeo “Leia comigo...”, os internautas passam a ler enquanto o vídeo em questão é reproduzido. Há uma clara relação, então, entre a cena de “ler” e a cena de “assistir a um vídeo”, específica da prática de recepção digital. É preciso acessar o YouTube, procurar o vídeo em questão e reproduzi-lo para, em seguida, começar a ler.

Não é apenas o contato com as práticas de produção e recepção digitais que provoca a inserção de outros objetos, inicialmente sem qualquer relação literária, à prática de leitura. Devido à disponibilidade de diferentes edições (digitais e físicas) de um mesmo livro, que podem ser compradas em livrarias físicas, livrarias online e *sites* das próprias editoras, o mercado de livros precisou adaptar suas estratégias mercadológicas, com o objetivo de manipular o destinatário a selecionar e adquirir o seu livro. A capa, a sinopse, o *blurb*⁷, o publieditorial⁸, marcadores de página e outros “brindes” influenciam a cena predicativa de seleção e aquisição de livros, como demonstrado em um outro trecho do vídeo “Vlog...”.

No referido trecho, Mell Ferraz grava rápidos comentários sobre os livros que havia acabado de receber. Ao falar sobre o romance *Abraços negados em retratos*, de Simone Paulino, por exemplo, a *booktuber* chama atenção para diferentes partes do livro – capa, quarta capa, orelha – e lê em voz alta textos que ali se encontram (debreagem interna). São eles que oferecem valores positivos (saber e entender como a história se desenvolve) e que manipulam o destinatário, aqui figurativizado pela *booktuber*, a querer ler o livro:

Esse daqui é da Simone Paulino, que é editora da... editora Nós, *Abraços negados em retratos*. **E eu li a sinopse e eu amei já**, por isso que eu tô compartilhando principalmente ele aqui com vocês. [...] E aqui na orelha, “De um lado, uma mulher viaja num trem rumo a Paris, onde vai dar uma conferência na Sorbonne, e se recorda da menina que a gerou. Do outro, uma menina parte do seu presente para encontrar a mulher que ela se tornou”. **Acho que eu vou pegar pra ler amanhã já! Já tô com vontade.** (Carrero, 2020c, 29:07-30:09, transcrição e grifos nossos)

⁷ Uma breve descrição que busca incentivar o consumo do livro.

⁸ Conteúdos pagos com objetivo de anunciar um determinado produto.

Observemos o *blurb*, outra estratégia comumente utilizada por editoras para a seleção da próxima leitura, que é exemplificada no vídeo “50 LIVROS NOVOS! 🤗// book haul (outubro e novembro 2020)”, no qual são mostrados todos os livros recebidos e adquiridos durante aquele período. No vídeo, a *booktuber* lê um adesivo colado no plástico de um dos livros contendo a opinião de Ian McEwan:

Então, deu certo dessa vez comigo. ‘Um romance tocante e surpreendente sobre o coração e suas escolhas.’ Bem genérico, mas se o Ian McEwan disse que é ‘profundo e magnífico’, tô acreditando nele! (Carrero, 2020a, 07:03-07:40, transcrição nossa).

A única motivação para a *booktuber* ser “cativada” por *A Sonata Perfeita* é a citação de Ian McEwan. Apesar de considerá-la básica, a recomendação é o suficiente para levar Mell Ferraz a crer na qualidade da obra e, conseqüentemente, a querer lê-la. Ao longo desse mesmo vídeo, nota-se uma forte adjetivação, normalmente ligada à beleza, bem como o foco nos aspectos físicos dos livros e nos brindes que os acompanham. Há aqui uma focalização do objeto-suporte (livro/brindes) que demonstra o papel desempenhado pela qualidade estética e sensível dos objetos no momento de escolha e compra. Realçar o nível objetual na prática de leitura confirma a inserção do vídeo no horizonte de valores contemporâneos, caracterizado pelo consumo e acúmulo de objetos que tematizam uma prática, tal como ocorre com objetos colecionáveis relacionados a franquias de cinema.

Ao apresentar o livro *Todas as cartas*, lançado pela editora Rocco no ano do centenário de Clarice Lispector, Mell Ferraz mostra detidamente os itens que acompanham o livro – a ecobag, a caixinha etc.:

Vou começar a mostrar pra vocês essa **coisa linda** que chegou aqui, da Rocco! [...] Olha só que **linda essa ecobag** que a Rocco me enviou junto dessa **caixinha, toda bonita aqui com elástico**... Temos a **assinatura da Clarice** aqui na frente e é **especial** porque eles lançaram... Olha só que bonito aqui dentro, tem é... o símbolo da Rocco, o antigo, né, porque eles mudaram de logo. Eles me enviaram várias coisinhas desse lançamento aqui: **cartas, postal**... Tudo porque ele é de cartas! [...] “Além de constituir um presente para os inúmeros leitores de Clarice!” Realmente, gente, **essa edição está linda!** [...] **Olha só que bonita!** Nessa edição com **jacket**, né, essa **sobrecapa, capa dura** e aqui, **fítilho** também. Achei **muito bonita!** (CARRERO, 2020a, 01:19-2:53, transcrição e grifos nossos)

Figura 4. A valorização da estética do objeto-livro.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=AQLW2oqFuXY>

A ênfase na estética dos livros acaba por influenciar os internautas, que passam a exibir os livros por meio de fotos e vídeos (comumente conhecidos como *bookshelf tours*⁹). Aqui mais uma vez a ênfase é no caráter objetal do livro, ficando a prática de leitura pressuposta na exposição de uma bela estante de livros. A presença do livro e o uso de objetos ligados à leitura e à literatura identificam o leitor e garantem a sua proximidade com o livro em um mundo digital (Pressman, 2020). O *booktube*, portanto, desempenha uma função dupla. De um lado, representa essa prática de leitura contemporânea, composta por novas cenas predicativas (assistir ao vídeo e gravar o vídeo, por exemplo) e por novos objetos (celular, computador, TV, tablet...). Do outro, funciona como uma série de instruções que mostram aos internautas como e o que ler. Ressaltemos que os *booktubers* – assim como os outros influenciadores literários – passam a realizar o papel de mediadores de leitura, alguns deles ocupando papéis de destaque em mesas-redondas de feiras literárias (Booktubers, 2017; Couto, 2025) e assinando prefácios de edições literárias¹⁰. Esse papel influencia o gosto por dadas obras e obviamente a venda de livros. A adesão a esses comportamentos – ler em “companhia” com outros leitores, comprar livros indicados por influenciadores literários, compartilhar as leituras nas redes sociais, exibir a sua coleção de livros etc. –, demandou de editoras e livrarias novas estratégias mercadológicas para incentivar o consumo e a compra de livros e estimulou, também, a (re)aparição¹¹ de clubes de assinatura de livros, como *TAG Livros*, do qual nos ocuparemos a seguir.

⁹ Em português, tour pela estante de livros. Ou seja, o *bookshelf tour* consiste em um vídeo no qual são apresentados, com rápidos comentários, os livros que compõem a biblioteca do leitor (normalmente, um produtor de conteúdo).

¹⁰ Diversos livros da editora Antofágica, por exemplo, contam com apresentações de influenciadores, dentre eles *booktubers*: *A morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tostói (Yuri Al’Hanati, do canal *Livrada!*), *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (Isabela Lubrano, do canal *Ler Antes de Morrer*), *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf (Mellory Ferraz, do canal *Literature-se*), *Um conto de Natal*, de Charles Dickens (Melina Souza, do canal *Tea with Mel*), entre outros.

¹¹ Os clubes de assinatura de livros não são algo novo na sociedade brasileira. De acordo com Laurence Hallewell (2012), o primeiro clube de livros foi lançado por Mário de Andrade, Cândido Portinari e Aníbal Machado em 1941 e, nos anos subsequentes, houve a criação de outros clubes, como a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil (1942) e o Clube do Livro (1943). No entanto, é apenas em 1973, com a constituição

3. Práticas de leitura contemporânea: clube de livros

Lançado em 2014, o clube *TAG livros* se projeta como um meio de ajudar leitores a criar e manter o hábito da leitura vendendo uma “[...] experiência literária dentro de uma caixinha” (TAG L., [2014?]). São duas as modalidades oferecidas: a TAG Curadoria para os leitores que querem “[...] ler livros transformadores e inesquecíveis, indicados por grandes figuras da cultura!” (TAG C., [2014?]) e a TAG Inéditos para aqueles que querem “[...] ler best-sellers e grandes apostas literárias impossíveis de parar” (Títulos, [2014?]). Independentemente da modalidade escolhida pelo assinante, ele passa a receber mensalmente uma caixinha composta por um livro em edição exclusiva, uma luva, uma revista, um marcador de páginas e um mimo literário, além de ter acesso ao aplicativo do clube. O kit de junho de 2025 da TAG Curadoria, por exemplo, consistiu no livro *Corregidora* – escrito por Gayl Jones e indicado por Jeferson Tenório –, uma luva, uma revista com conteúdos extras, um marcador de páginas, dois alfajores da marca Odara e um guardanapo no qual está escrito os dizeres “On se voit en juillet”¹²:

Figura 5. Kit da TAG Curadoria de junho de 2025.



do Círculo do Livro, que vemos um impacto no mercado editorial. Criado pela Abril em parceria com a editora alemã Bertelsmann, o Círculo do Livro consistia na “[...] distribuição gratuita, pelo correio, de uma revista promocional quinzenal, pela qual o leitor, para continuar filiado ao clube, tinha de encomendar no mínimo um livro (entre cerca de uma dúzia)” (2012, p. 753).

¹² Em português, “A gente se vê em julho”.

Fonte: Arquivo pessoal e <https://site.taglivros.com/kits-passados/curadoria/corregidora/>

Resultado da parceria da *TAG Livros* com a editora Instante, o livro foi enviado em primeira mão aos assinantes da TAG (até o dia 20 de junho de 2025), com a edição da editora Instante lançada apenas em 4 de agosto do mesmo ano. Apesar de os componentes internos do livro serem praticamente os mesmos, os projetos gráficos são distintos. Observemos, comparativamente, as capas das duas edições.

Figura 6. As capas de *Corregidora*, de Gayl Jones.



Fonte: <https://site.taglivros.com/kits-passados/curadoria/corregidora/>



Fonte: <https://editorainstante.com.br/produtos/corregidora/>

A edição enviada pela TAG traz um recorte da pintura “The Study of a Student”¹³, de Laura Wheeler Waring, mostrando apenas parte da mulher negra que ocupa quase a totalidade da capa. Sobrepondo um pouco o corpo da mulher, o título da obra está levemente deslocado para a esquerda e um pouco acima do centro da capa. No canto inferior direito, em tamanho menor, lê-se o nome da autora. Há um contraste entre o fundo em rosa claro, o corpo da mulher em tons terrosos e quentes, e as informações sobre o livro em branco. Esse contraste, somado à parcialidade referente ao corpo da mulher, leva o leitor a se questionar sobre a sua identidade e a sua história. A capa é marcada por uma

¹³ O contato com a pintura de Laura Wheeler Waring é feito em partes: enquanto na capa do livro, há um foco no corpo dessa mulher; o recorte feito para a capa da revista torna visível parte de seu rosto. É apenas dentro da revista que se torna possível observar o todo da pintura.

elegância estética, construída pela harmonia cromática e pela indicação discreta dos dados da obra.

Já a capa da edição da *Instante*, é construída por meio de uma colagem. No centro, vemos uma mulher negra, que tem em sua frente um microfone. A sua boca e um de seus olhos são recortes de uma fotografia e contrastam com o restante do corpo desenhado. Ao fundo, podemos observar alguns prédios e a lua. As informações sobre o livro se encontram na parte superior da capa e contrastam (seja pela cor preta ou pela branca) com o fundo azul. Além do título da obra e do nome da autora, a capa também apresenta o subtítulo (“romance”), um *blurb*: “Da autora de *Apanhadores de pássaros*”, o logo e o nome da editora. Com cores vibrantes, a capa é marcada por um recobrimento figurativo que dá pistas ao leitor sobre a mulher (corregidora), seu trabalho, a época em que vive etc.

Ao compararmos as duas capas, as oposições no plano da expressão – parcialidade/totalidade, cromatismo terroso/cromatismo vibrante e vazio/cheio – demarcam o enunciatório previsto e indicam as estratégias mercadológicas. A editora *Instante* precisa cativar um possível leitor de forma que ele *compre* o livro. É por esse motivo que a capa apresenta um *blurb* e o nome da editora. Já a *TAG Livros* precisa cativar o assinante a *ler* esse livro e a continuar sendo um assinante, o que é feito não apenas pela capa, mas também pela revista e pelo aplicativo. A edição da TAG apresenta, também, um caráter decorativo. Em primeiro lugar, as revistas possuem uma página recortável que possibilita ao assinante “[...] transformar esse projeto gráfico em um item exclusivo, seja como elemento decorativo ou colecionável” (TAG, 2025, p. 30). Em segundo lugar, os livros fazem parte de uma coleção que deve ser exposta e exibida em suas estantes, havendo, inclusive, uma repetição estética em algumas das capas. Isso confirma o potencial colecionável localizado no nível do objeto-suporte, tal qual ocorre no canal *Literature-se*.

A experiência literária proposta pela TAG, porém, não se resume ao objeto-livro. Do mesmo modo que a prática observada nos *booktubes*, a prática de leitura da TAG também se constitui de objetos que nem sempre são associados à leitura, como os dois minis alfajores e o guardanapo enviados no kit de junho da TAG Curadoria:

Figura 7. A embalagem do mimo literário de junho de 2025.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 8. O guardanapo misterioso.



Fonte: Arquivo pessoal

Sozinhos, os alfajores e o guardanapo não remetem à prática de leitura; mas, incorporados à caixa do clube, passam a integrá-la e a sugerir novas cenas predicativas. No caso do mimo literário, os assinantes foram convidados a comer os alfajores, a “[...] contar qual seu sabor favorito” e a seguir as duas empresas (*TAG Livros* e *Odara*) no Instagram. O guardanapo, por sua vez, funcionou como um desencadeador da curiosidade: após o espanto inicial com o objeto misterioso, os assinantes poderiam traduzir a frase “On se voit en juillet”, pesquisar sobre a empresa Paris Express e ligar para o número de telefone indicado¹⁴. Cada nova descoberta poderia ser compartilhada

¹⁴ Ao ligar para o número indicado, é possível escutar a seguinte gravação: “L’un des plus grands auteurs contemporains envoie son livre dans la boîte de la TAG Curadoria de juillet. Il est venu au Brésil l’année dernière et publie maintenant le dernier livre sur sa propre famille. Cette fois, il s’agit de l’effondrement de son frère aîné. On vous attend!” (TAG Livros, 2025, transcrição nossa). Em português: “Um dos maiores autores contemporâneos envia seu livro na caixa da TAG Curadoria de julho. Ele veio ao Brasil no ano

no aplicativo da TAG de forma que todos conseguissem descobrir o livro que seria enviado no mês de aniversário da empresa: *O desabamento*, de Édouard Louis. A frase em francês no guardanapo funciona como uma pista da nacionalidade do autor.

Assim, com o intuito de despertar a curiosidade dos assinantes e de criar uma expectativa em relação ao próximo kit, a TAG Livros lançou mão de uma estratégia que reuniu diferentes objetos (guardanapo, celular/telefone, computador etc.) e acomodou práticas semióticas diversas (fazer uma ligação, fazer uma pesquisa, comentar um post etc.), estimulando, também, a interação entre assinantes e o uso do seu aplicativo.

Todas essas novas cenas predicativas que passam a constituir a prática de leitura funcionam como programas de uso que possibilitam a realização do programa de base: ler o livro. Isso porque a construção de uma comunidade de leitores e a busca por novas informações levam o sujeito a /querer-fazer/, isto é, a querer-ler. Do mesmo modo, o projeto gráfico, a capa dura, o marcador de páginas com uma citação do livro e a revista com conteúdos sobre a obra funcionam como estratégias enunciativas para manipular, ao mesmo tempo, internautas a assinarem o clube e assinantes a se manterem fiéis.

Por meio dessas duas breves análises, demonstramos como práticas diversas se articulam com os novos suportes e estratégias de mediação da leitura no contexto digital. Resta ainda indagar como tais estratégias e práticas dão contorno a novas formas de vida.

Considerações finais: mais uma vez do texto às formas de vida

O percurso de análise aqui empreendido permite compreender como as práticas de leitura contemporâneas, exemplificadas pelos *booktubers* e pelos clubes de assinatura de livros, configuram-se como fenômenos que articulam texto, objeto, práticas e, por fim, o que estamos denominando, ainda que provisoriamente, de forma de vida digital. Amparados pela semiótica discursiva, sobretudo pelas proposições de Fontanille (2005, 2008a, 2008b 2015, 2016, 2019) acerca dos níveis de pertinência, observamos que as estratégias de divulgação e mediação da leitura literária hoje não se limitam à materialidade do texto impresso, nem à discussão sobre a obra em si, mas se desdobram em experiências multimodais e coletivas que mobilizam novos suportes e práticas. Por isso, o trabalho com a leitura na escola e na universidade precisa considerar esses desdobramentos.

passado e, atualmente, publica seu último livro sobre sua própria família. Ele narra a ruína de seu irmão mais velho. Te esperamos!” (TAG Livros, 2025, transcrição e tradução nossas).

Como vimos, no caso dos *booktubers*, o texto-enunciado (o vídeo) se integra a práticas de recepção e produção digitais, instaurando uma leitura marcada pela *extimidade* e pela performatividade. Contudo, há um apelo ao nível dos objetos: a materialidade dos livros exibidos, os cenários cuidadosamente compostos, os brindes e acessórios literários funcionam como elementos sensíveis que reforçam a cena de leitura e potencializam sua dimensão estética e afetiva. Já na prática dos clubes de leitura, como a *TAG Livros*, o objeto-suporte ganha centralidade na constituição de sentidos, pois a materialidade dos livros, caixas e brindes compõe as cenas práticas que ultrapassam o ato de ler, constituindo experiências identitárias e colecionáveis. Esses exemplos ilustram o percurso ascendente descrito pela teoria: do signo ao texto, do texto ao objeto, do objeto às práticas, das práticas às estratégias e destas às formas de vida. Assim, a leitura literária no contexto digital não se apresenta apenas como um ato individual, mas como prática cultural compartilhada, marcada por estratégias editoriais e mercadológicas, que se sedimentam numa forma de vida digital com suas comunidades de leitores conectados, influenciadores literários e consumidores de experiências culturais. Tal forma de vida revela como a cultura digital reconfigura o estatuto da leitura e do leitor, instaurando valores, estilos e identidades.

Nesse cenário, a escola e a universidade se veem desafiadas a ampliar suas práticas pedagógicas, pois é preciso reconhecer os novos modos de circulação de textos, inclusive os literários – como demonstramos – e integrar os letramentos digitais, sem, contudo, abandonar os gêneros tradicionalmente trabalhados no ensino, como propõe a BNCC. Com efeito, o olhar semiótico pode contribuir para ampliar a compreensão acerca dos objetos-suporte, práticas e estratégias que moldam a experiência da leitura contemporânea. Para a formação docente, o desafio maior consiste em compreender esses deslocamentos e em propor mediações que articulem criticamente o impresso e o digital, a leitura íntima e a leitura em rede, a fruição estética e o consumo midiático. Preparar professores capazes de transitar por essas práticas significa, portanto, assumir a complexidade dos novos ecossistemas de leitura, sem deixar de reafirmar a centralidade da literatura como importante experiência formativa e estética, mesmo em meio às transformações advindas da cultura digital.

Referências

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

BOOKTUBERS incentivam hábitos de leitura a jovens em encontro na Feira do Livro de Porto Alegre. *GI RS*, Porto Alegre, 19 nov. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/booktubers-incentivam-habitos-de-leitura-a-jovens-em-encontro-na-feira-do-livro-de-porto-alegre.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2021.

CARRERO, Mallory Ferraz. *50 livros novos!* 📺 // *book haul (outubro e novembro 2020)*. [S. l.]: Literature-se, 6 dez. 2020a. 1 vídeo (37 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AQLW2oqFuXY>. Acesso em: 22 jun. 2021.

CARRERO, Mallory Ferraz. *Leia comigo (read with me) // 20 minutos em tempo real – livro: “Orlando” (Virginia Woolf)*. [S. l.]: Literature-se, 6 maio 2020b. 1 vídeo (22 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rFSZ8D7E2yQ>. Acesso em: 30 abr. 2021.

CARRERO, Mallory Ferraz. *Vlog | se eu chorei ou se eu sorri, o importante é que “A casa dos espíritos” eu li* 😊. [S. l.]: Literature-se, 12 ago. 2020c. 1 vídeo (35 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=l7BfIN_sMp4. Acesso em: 9 jun. 2021.

COUTO, Camille. Bial do Livro Rio 2025: pré-estreia une BookTokers e escritores renomados. *CNN Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jun. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/rj/bial-do-livro-rio-2025-pre-estreia-une-booktokers-e-escritores-renomados/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

FONTANILLE, J. *Significação e visualidade: exercícios práticos*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FONTANILLE, J. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF, 2008a.

FONTANILLE, J. Práticas semióticas. In: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (org.). *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: FAAC/Unesp, 2008b.

FONTANILLE, J. *Formes de vie*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2015.

FONTANILLE, J. A semiótica hoje: avanços e perspectivas. *Estudos Semióticos*, v. 12, n. 2, p. 1-9, dez. 2016.

FONTANILLE, J. Discursos, mídias, práticas e regimes de crença. *Revista do Gel*, v. 16, n. 3, p. 246-261, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21165/gel.v16i3.2608>.

GONÇALVES, L.R. *A leitura como prática semiótica no booktube: o caso do Literature-se*. 2022. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-

Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

JEFFMAN, Tauana Mariana. *Booktubers: performances e conversações em torno do livro e da leitura na comunidade booktube*. 2017. 393 f. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6337>. Acesso em: 16 jul. 2020.

JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed34, 1993.

PAIVA, Sthéfani; SOUZA, Adrianna Maria de. Booktube como instrumento de disseminação da informação para a geração digital. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 13, n. esp. CBBD 2017, p. 978-1003, 2017. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/794>>. Acesso em: 14 set. 2020.

PORTELA, J. C. Nouvelle conversations avec Jacques Fontanille. *Alfa: revista de linguística*, São José do Rio Preto, v. 59, n. 3, p. 159-186, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1509-8>. Acesso em: 26 jul. 2025.

PRESSMAN, Jessica. *Bookishness: loving books in a digital age*. New York: Columbia University Press, 2020. E-book.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. E-book.

SILVA, Renata Prado Alves. BookTube: livros e leitura em vlogs no Youtube. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. *Anais...* São Paulo, Intercom, 2016. p. 1-15. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1079-1.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2025

SOUSA, Silvia Maria de. O discurso da inovação no ensino: uma análise semiótica. *Solettras*, v. 1, n. 47, p. 56-72, 2023. DOI: <https://doi.org/10.12957/solettras.2023.80345>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/solettras/article/view/80345/48902>. Acesso em: 26 jul. 2025.

SOUSA, Silvia Maria de. Transmidialidade: plano de expressão e níveis de pertinência. In: MANCINI, R.; GOMES, R. (orgs.). *Semiótica do sensível: questões do plano da expressão*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2020. p. 153-168.

TAG Livros. Dica sobre o livro do kit TAG Curadoria de julho de 2025 no número (11) 4660-0461. Gravação telefônica. 13 jul. 2025.